



Coordenação
EDUARDO DE ASSIS DUARTE

LITERATURA AFRO-BRASILEIRA

100 AUTORES
DO SÉCULO XVIII AO XXI

2ª EDIÇÃO

Adélcio de Sousa Cruz
Aline Alves Arruda
Cristiane Côrtes
Eduardo de Assis Duarte
Elisângela Aparecida Lopes
Fernanda Rodrigues de Figueiredo
Giovanna Soalheiro Pinheiro
Gustavo Bicalho
Luiz Henrique Silva de Oliveira
Marcos Antônio Alexandre
Marcos Fabrício Lopes da Silva
Maria do Rosário Alves Pereira
Marina Luíza Horta
Rodrigo Pires Paula

ANEXO

Abdias Nascimento

A cultura africana na arte brasileira

Sumário

Apresentação: A cor da literatura	9
1. Por um conceito de literatura afro-brasileira	17
2. Guia de autores e obras	47
Século XVIII	
Domingos Caldas Barbosa	49
Século XIX	
Paula Brito	51
Maria Firmina dos Reis	54
Luiz Gama	58
Machado de Assis	61
Gonçalves Crespo	66
José do Patrocínio	67
Cruz e Sousa	68
Século XX e Contemporaneidade	
Lima Barreto	72
Nascimento Moraes	76
Lino Guedes	77
Aloisio Resende	80
Antonieta de Barros	81
Solano Tindade	83

Abdias Nascimento	86
Carolina Maria de Jesus	91
Romeu Cruzóe	93
Mestre Didi	95
Ruth Guimarães	98
Raymundo de Souza Dantas	100
Eduardo de Oliveira	103
Carlos de Assumpção	106
Mãe Beata de Yemonjá	107
Oswaldo de Camargo	109
Domício Proença Filho	113
Martinho da Vila	115
Antônio Vieira	118
Maria Helena Vargas da Silveira	119
Joel Rufino dos Santos	121
Oliveira Silveira	125
Muniz Sodré	129
Nei Lopes	132
Estevão Maya-Maya	136
Waldemar Euzébio	137
Adão Ventura	140
Conceição Evaristo	142
Jamu Minka	146
Lourdes Teodoro	148
Eustáquio José Rodrigues	149
Inaldete Pinheiro	151
Ricardo Dias	153
Geni Guimarães	155
Rogério Andrade Barbosa	158
Jaime Sodré	160
Aline França	162
Arnaldo Xavier	163
José Endoença Martins	166
Alzira Rufino	168
Ubiratan Castro de Araújo	169
Francisco Maciel	171

Cyana Leahy	174
Paulo Colina	175
Cuti	178
José Carlos Limeira	182
Sônia Fátima da Conceição	184
Éle Semog	186
Henrique Cunha Jr.	188
Miriam Alves	191
Jônatas Conceição	194
Abelardo Rodrigues	195
Lepê Correia	197
Oswaldo Faustino	198
Madu Costa	200
Salgado Maranhão	201
Hermógenes Almeida	204
Elio Ferreira	205
Heloisa Pires Lima	207
Ramatis Jacino	209
Santiago Dias	210
Fernando Conceição	212
Lia Vieira	213
Paulo Lins	216
Esmeralda Ribeiro	219
Fausto Antonio	220
Sonia Rosa	221
Márcio Barbosa	223
Júlio Emílio Braz	224
Marcos Dias	227
Luís Fulano de Tal	228
Abílio Ferreira	230
Ronald Augusto	231
Ivan Cupertino	234
Edimilson de Almeida Pereira	236
Jussara Santos	239
Patrícia Santana	241
Lande Onawale	242

Ana Cruz	245
Sergio Ballouk	246
Cidinha da Silva	248
Anelito de Oliveira	251
Ana Maria Gonçalves	252
Anizio Vianna	255
Cristiane Sobral	256
Carlos Correia Santos	259
Allan da Rosa	261
Livia Natália	264
Marcos Fabrício Lopes da Silva	265
Ademiro Alves (Sacolinha)	267
Zinho Trindade	268
Akins Kinte	270
A Cultura Africana na Arte Brasileira	273
Abdias Nascimento	

APRESENTAÇÃO

**A COR
DA LITERATURA**

Literatura tem cor? Acreditamos que sim. Porque cor remete a identidade, logo a valores, que, de uma forma ou de outra, se fazem presentes na linguagem que constrói o texto. Neste sentido, a literatura afro-brasileira se afirma como expressão de um lugar discursivo construído pela visão de mundo historicamente identificada à trajetória vivida entre nós por africanos escravizados e seus descendentes. Muitos consideram que esta identificação nasce do existir que leva ao ser negro. Os traços de *negritude*, *negricia* ou *negrura* do texto seriam oriundos do que Conceição Evaristo chama de “escrivência”, ou seja, uma atitude — e uma prática — que coloca a experiência como motivo e motor da produção literária.

Assim, quando acrescentado ao texto do escritor negro brasileiro, o suplemento “afro” ganha densidade crítica a partir da existência deste ponto de vista específico — afroidentificado — a conduzir a abordagem do tema, seja na poesia ou na ficção. Tal perspectiva permite escrever o negro de modo distinto daquele predominante na literatura brasileira canônica. E a configuração dessa diferença passa pelo trabalho com a linguagem, a fim de subverter imagens e sentidos cristalizados. É uma escrita que, de formas distintas, busca dizer-se negra, até para afirmar o antes negado. E que, também neste aspecto, revela o projeto de ampliação do público leitor afro-brasileiro.

Na segunda metade do século XX e, mais fortemente, a partir dos anos 1980, a literatura brasileira exhibe um quadro de progressivo esgotamento e superação do projeto modernista, em especial dos ímpetos de negação do passado e de celebração da brasilidade fundada na mestiçagem e representada a partir de uma visão distanciada do Outro, seja ele negro ou indígena. Mais do que isto, salta aos olhos o vazio marcado pela ausência de um projeto unificador, que reúna as

diferentes formas de expressão em torno, por exemplo, da afirmação de um espírito nacional uno, em contraponto à diversidade cultural que nos caracteriza. Embora persistam em grande medida os valores estéticos consagrados no Ocidente e canonizados no “Alto Modernismo” de que são exemplos Guimarães Rosa e Clarice Lispector; ou o que Flora Sussekind classifica como “escrita do eu” — a marcar a poesia dos remanescentes da “geração mimeógrafo” dos anos 1970, entre eles Francisco Alvim e Paulo Henriques Brito; ou, ainda, escritos que buscam “narrar a nação”, como *Viva o povo brasileiro* (1984), de João Ubaldo Ribeiro, é patente a inexistência do clima de movimento e, mesmo, de geração que marcou a recepção entre nós dos caminhos apontados pelas vanguardas históricas do século XX.

Resulta daí o quadro contemporâneo em que sobressaem a diversidade de projetos e a busca de afirmação de parcelas minoritárias perante o poder cultural. Cabe então verificar, em meio à multiplicidade da expressão contemporânea, iniciativas oriundas de segmentos marginalizados, em que o sentimento de comunidade se sobrepõe ao de nacionalidade. Nesse contexto, ganha corpo a produção literária dos afrodescendentes. A partir da década de 1970, escritores negros se organizam em coletivos, a exemplo dos grupos Gens, na Bahia, Negrícia, no Rio de Janeiro, Palmares, em Porto Alegre, e Quilombhoje, em São Paulo. Buscam a construção de uma literatura empenhada no combate ao racismo e na afirmação dos valores culturais desse segmento historicamente excluído da cidadania. Tomemos como breve exemplo o poema “Quilombhoje”, de Lourdes Teodoro:

Penetra calmamente nas ruas mais distantes.
Lá estão as emoções que precisam ser escritas
Convive com teu povo antes de fazê-lo teu.
Espera que cada um se desnude, se rebele
Com seu poder de vida
Seu poder de palavra
[...]

(In Duarte, 2011, p. 247)

Intencionalmente programáticos, os versos da poetisa confrontam pela paródia o projeto modernista expresso por Carlos Drummond de Andrade no clássico “Procura da poesia”, publicado em *A rosa do povo* (1971).¹ Nele, Drummond desdenha os versos sobre acontecimentos, sentimentos, lembranças, cidade e natureza. Aconselha desprezar os “homens em sociedade” e fulmina a arte engajada, adotada paradoxalmente no mesmo livro, para ensinar: “penetra surdamente no reino das palavras/ lá estão os poemas que esperam ser escritos” (Drummond, 1971, p. 76-7).

Já Lourdes Teodoro expressa seu inconformismo com o dogma da arte pela arte — implícito à ênfase vanguardista na linguagem —, ao propor o encontro do poeta com seu povo. E condena a apropriação meramente folclórica da linguagem e de temas populares empreendida pelos modernistas: “Convive com teu povo antes de fazê-lo teu”, afirma, para logo reiterar: “*Engravide tua palavra com a fome do teu povo/ Oxigene tua palavra com a coragem de teu povo*” (*Ibidem*, p. 247, grifos da autora).² Assim, a escrita dos afro-brasileiros busca marcar posição, ao mesmo tempo em que dialoga com as demandas sociais e políticas do Movimento Negro em seus diversos matizes.

Ao longo da década de 2000, o propósito combativo cede espaço à diversidade temática e a formas mais elaboradas de expressão. Permanece, todavia, o projeto comunitarista que atravessa gerações e se fortalece na série *Cadernos Negros*, com publicação anual e contínua desde 1978. Em paralelo, cresce igualmente o interesse da crítica e do público por tais publicações. Estudiosos voltam-se para as primeiras décadas do século XX, e mesmo para os séculos anteriores, a fim de resgatar autores e textos relegados pela história literária e que figuram como precursores da produção contemporânea. A literatura afro-brasileira ganha espaço nos cursos de Letras, sendo objeto de artigos, monografias, teses e dissertações.

Nesse contexto, o Grupo Interinstitucional de Pesquisa “Afrodescendências na Literatura Brasileira”, criado em 2001 a partir da Univer-

¹ ANDRADE, Carlos Drummond. *Reunião*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971, p. 76-77.

² In: DUARTE, Eduardo de Assis (Org.) *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, vol. 2: Consolidação, p. 247.

sidade Federal de Minas Gerais, passou a congrega investigadores empenhados em contribuir para o aprimoramento da abordagem desses escritos. O trabalho toma impulso com a promulgação, em 2003, da Lei Nº 10.639, que estabelece no país a obrigatoriedade do estudo da história e das culturas africana e afro-brasileira nas escolas de ensino fundamental e médio. No ano seguinte, entra em atividade o **literafro** — Portal da Literatura Afro-brasileira, hospedado no servidor da Faculdade de Letras da UFMG, com informações bibliográficas e críticas, além de links e textos autorizados para reprodução, disponível no endereço www.letras.ufmg.br/literafro. Desde então, inúmeros trabalhos vêm sendo realizados a fim de pesquisar e divulgar a produção deste importante segmento de nossas letras, a exemplo da coleção *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*, publicada em quatro volumes pela Editora UFMG, em 2011.

Literatura afro-brasileira é, pois, fruto de trabalho coletivo, empreendido por professores de todos os níveis de ensino e estudantes de graduação e pós-graduação da UFMG e de outras instituições de ensino superior. A publicação tem como objetivo dotar o professor de um instrumento adequado para a discussão da matéria e introdução dos textos afro-brasileiros no universo de opções e no repertório de leituras do estudante.

O primeiro volume, *Literatura afro-brasileira — 100 autores do século XVIII ao XX* está organizado em três segmentos: inicialmente, um texto introdutório, “Por um conceito de literatura afro-brasileira”, em que são discutidos e desenvolvidos alguns parâmetros teóricos e críticos que dão sustentação ao tema; em seguida, o “Guia de autores e obras”, em que são apresentados escritores e escritoras afrodescendentes, com dados biográficos e críticos, introdução à obra, com destaque para os aspectos mais relevantes, além de indicações de fontes de consulta necessárias ao aprofundamento da pesquisa; e, ao final, o artigo de Abdias Nascimento, “A cultura africana na arte brasileira”, valiosíssimo apêndice em que apresenta um panorama da presença africana e afrodescendente na cultura brasileira, tanto popular quanto erudita. O autor discorre e analisa de forma didática desde as relações entre negros e brancos no período colonial,